

## BRASIL

Domingo, 04 de dezembro de 2005

### Economista vê na diversidade a riqueza e, na desigualdade, a fraqueza do Brasil

Carlos A.J. da Costa

"Qualquer que seja seu ponto de partida, o que conta é a viagem". É com esse verso da poetisa Cora Coralina que o economista indiano **Vinod Thomas**, ex-diretor do **Banco Mundial** para o Brasil, abre o primeiro capítulo do seu mais recente livro *O Brasil Visto por Dentro – Desenvolvimento em uma terra de Contrastes*. Thomas propõe de maneira otimista um caminho para que o Brasil volte a crescer, construindo instituições sólidas e implementando políticas públicas com melhor qualidade. As reformas não são idéias do próprio autor, mas foram colhidas durante os vários anos em que conviveu com políticos e acadêmicos brasileiros. A maior contribuição do livro é apresentar essas sugestões com a coerência de um modelo que liga o chamado "consenso de Washington" — estabilidade macroeconômica e liberalização de mercados — a uma preocupação com a sustentabilidade do crescimento e o bem-estar social, o chamado "consenso de Brasília".



Thomas descreve inicialmente os grandes contrastes do Brasil, apontando na diversidade cultural uma de nossas riquezas, e na desigualdade de renda um de nossos mais graves problemas. Ressalta que nossa estrutura de impostos e transferências governamentais pouco ajuda para melhorar esse quadro, mas algumas iniciativas implementadas na última década, como o Bolsa Escola e ações na área da saúde, já trazem efeitos benéficos para os mais pobres. Segundo Thomas, a solução para esses problemas sociais depende da elevação de nossa produtividade, que caiu em média 2,8% ao ano nas décadas de 80 e 90. Precisamos de reformas que eliminem as deficiências no mercado de créditos, reduzam os processos excessivamente burocráticos para iniciar e fechar empresas e flexibilizem o mercado de trabalho. O autor descreve experiências de países que conseguiram crescer aceleradamente.

Até aí, outros trabalhos, como "A agenda perdida", coordenada por José Alexandre Scheinkman e Marcos Lisboa, foram bem mais abrangentes e profundos. Mas Thomas, prossegue, chamando atenção para a sustentabilidade. Um exemplo citado é o da moderna agroindústria, que por um lado tem gerado grandes avanços nas condições sociais e econômicas do país, mas corre riscos com a degradação do solo. Thomas enfatiza ainda a importância de se melhorar a qualidade dos gastos públicos. Relata experiências bem-sucedidas em vários estados brasileiros, mas enfatiza que, em geral, gastamos muito mal. Ao final, propõe seis metas e áreas de ação específicas como uma nova reforma previdenciária, enfoque total na qualidade da educação e contratos de sustentabilidade ambiental. Apesar das excelentes intenções e da coerência interna, não foram considerados no livro os inúmeros obstáculos políticos que dificultam esses avanços. Afinal, não faltam planos excelentes para retomarmos o crescimento, como o próprio autor constatou durante seu período no país. O grande desafio do Brasil é pôr

em prática essas idéias, vencendo as resistências dos grupos que se beneficiam do status quo. Parece que não é só a viagem o que conta, mas também o difícil ponto de onde estamos partindo.

Carlos A.J. da Costa é economista e sócio-diretor da P&L - Partnership & Learning Educação Executiva